



CAMBIANTES SOLIDARIEDADES

Alexandre Toaldo Bello¹

Resumo

Esse texto deriva de minha dissertação de mestrado (BELLO, 2006), onde foi observada uma escola infantil da Rede Municipal de Porto Alegre em um bairro da periferia, no período de dois meses, totalizando cem horas de observação. O grupo pesquisado era formado por vinte e cinco crianças de cinco anos de idade, todas muito flutuantes em suas frequências, pois compareciam em média quinze alunos por dia. Desse conjunto de observações que emergem as considerações desse texto.

Palavras-chave: Solidariedade, infância e poder.

Identificando


Algumas diferenças são marcadas, mas nesse processo algumas diferenças podem ser obscurecidas; por exemplo, a afirmação da identidade nacional pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero. (WOODWARD, 2000, p. 14)

Esse texto deriva de minha dissertação de mestrado (BELLO, 2006), onde foi observada uma escola infantil da Rede Municipal de Porto Alegre em um bairro da periferia, no período de dois meses, totalizando cem horas de observação. O grupo pesquisado era formado por vinte e cinco crianças de cinco anos de idade, todas muito flutuantes em suas frequências, pois compareciam em média quinze alunos por dia. Depois de feita esta pesquisa, afastei-me, em certa medida da educação infantil. Passei a me dedicar à assuntos relacionados à adolescência, feminilidades e violência (BELLO, 2014). Ocorre que recentemente voltei a trabalhar com as questões da infância, agora como supervisor de estágio na educação infantil/Ufsc, na Rede Municipal de Educação de Florianópolis, e pude perceber que elementos que eu percebia naquele local e tempo específicos, também reverberam nesta realidade que agora estou inserido.

Nessas duas experiências e temporalidades diferentes pude perceber, que as crianças vão criando mecanismos para dar conta das expectativas dos adultos em relação as suas

¹ Professor doutor, Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina. Vice líder do NUVIC - NÚCLEO VIDA E CUIDADO: ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE VIOLÊNCIAS, alexandre.bello@ufsc.br.





formações de gênero, ficando evidente que esses mecanismos produzem algum bem-estar nas crianças e nos adultos.

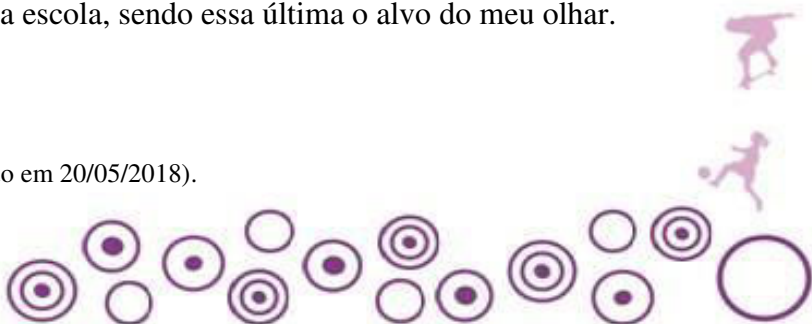
A autora da epígrafe falava sobre as dificuldades que são enfrentadas para a constituição das identidades, mais especificamente as identidades nacionais, usando como argumento para a formulação do seu discurso, a tentativa de diferenciação entre sérvios e croatas após a separação da antiga Iugoslávia. Trago esse exemplo para falar justamente dessas diferenças que são obscurecidas. Não tratarei de identidades nacionais mas sim de identidades infantis. Identidades essas que vão se constituindo a partir de uma série de elementos.

Se consultarmos dicionário online de Língua Portuguesa², encontraremos como sinônimo de cambiante, entre outras coisas a expressão furta-cor, objetos furta-cor são aqueles que dependendo da incidência da luz apresentam cores variadas. Nessa mesma referência encontramos como possível entendimento para a palavra solidariedade a ajuda mútua. Nesse texto articularei essa maneira furta-cor de ser solidário. Essa forma de solidariedade que é muito recorrente nos locais por onde transito/transitei, uma das possibilidades de entendimento disso é o fato de existir um possível panóptico instalado nesses lugares.

O dispositivo do panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprime-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha. (FOUCAULT, 2005, p. 166)

O panóptico era uma construção onde existiam celas dispostas em círculo, e quem nelas estivesse detido poderia ser observado, vigiado, escrutinado durante todo o tempo em que lá estivesse, pois no centro desse anel existia uma torre que se abria para todos os lados, de onde poderiam ser observadas todas as minúcias do que acontecia nas câmaras. O interessante desse sistema reside justamente na possibilidade de se estar sendo observado o tempo todo. Possibilidade, pois, vale destacar, o vigiado não tinha contato com o seu observador, podendo este estar ou não em seu posto. Essa incerteza por parte do examinado, associada à onipresença do espião faz com que as normas sejam cumpridas, respeitadas, reproduzidas e, de certa forma, reafirmadas. É importante ressaltar que Foucault (2005) defende que esse “dispositivo panóptico” pode eficazmente ser aplicado em várias instâncias sociais como a família, a igreja, a prisão, a escola, sendo essa última o alvo do meu olhar.

² <https://www.dicio.com.br/cambiante/> (consultado em 20/05/2018).

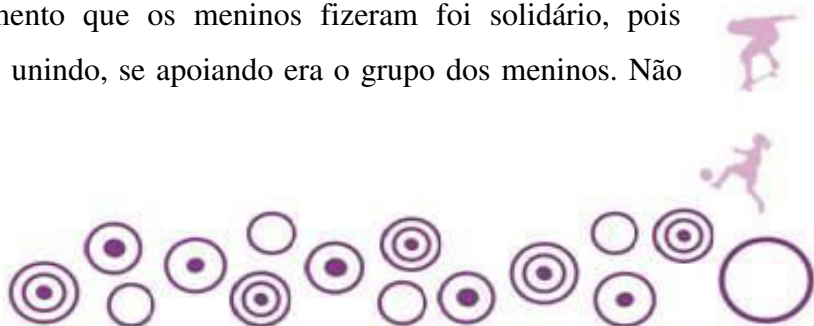





Associações entre pares

Voltando às solidariedades cambiantes, penso este tipo de associação solidária acaba sendo um mecanismo de busca de um conforto pelas crianças, uma forma de marcar uma posição de sujeito, visto que, em grande parte dos momentos de suas rotinas elas estão sendo observadas, cuidadas e educadas. Em determinadas situações que acontecem na escola, por conveniência de determinados grupos, são articulados esquemas bastante eficientes de distribuição de poder entre as crianças. Esses grupos, não raro se articulavam, se solidarizavam para combater outras crianças, ou, em outras oportunidades, faziam esses pequenos complôs para contraporem-se aos adultos, em um movimento bastante dinâmico, cambiante. Valem-se desse expediente também para conseguirem a ‘simpatia’ das professoras.

O que se poderia pensar a respeito de solidariedade, primeiro, recorrendo mais uma vez ao dicionário, que coloca entre outros significados como sendo a: “relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o(s) outro(s): solidariedade de classe.” (FERREIRA, 1986, p. 1607), talvez seja uma imitação grotesca de solidariedade, um simulacro, essa relação solidária que percebo nos grupos. Uma solidariedade que não envolve exatamente “pessoas unidas por interesses comuns”, é uma espécie de relação onde os interesses e as associações são fugazes, elas cambiam constantemente, existindo algumas vezes combinações tão insólitas que acabam desdizendo postulados já há muito arraigados. Situações relacionadas a questões de gênero que seriam impensáveis nesses acordos, são postas em funcionamento. Por exemplo, em uma brincadeira onde o grupo se dividiu entre meninos e meninas, embora a professora houvesse inicialmente organizado grupos mistos, e cujo objetivo era fazer uma corrida com uma folha de jornal presa a barriga do competidor apenas com a pressão do vento que era produzida pelo deslocamento. Estavam os meninos nesse momento mais organizados, vencendo a brincadeira de estafeta, porém momentos antes de concluírem a atividade abriram mão de serem os vencedores. Um dos meninos passou para a equipe das meninas (o mais veloz deles) e competiu com outro que notadamente facilitou a sua vitória. Esse gesto dos meninos foi merecedor de ‘aplausos’ por parte da professora, que julgou, naquele momento que os meninos estavam sendo solidários. Daí o título desse texto: solidariedades cambiantes. Esse movimento que os meninos fizeram foi solidário, pois naquele momento o grupo que estava se unindo, se apoiando era o grupo dos meninos. Não





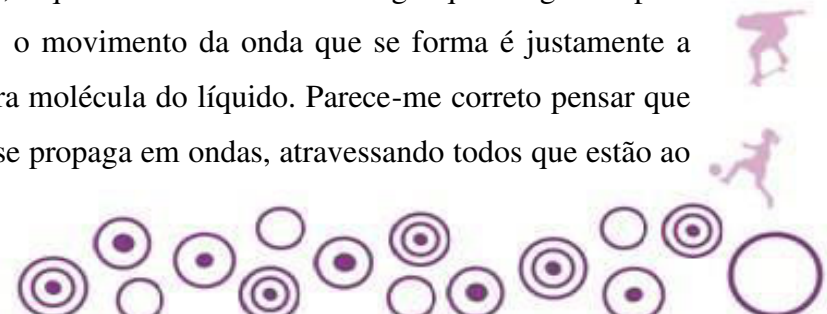
houve nenhuma combinação prévia, aquele movimento emanou do próprio grupo sem articulações anteriores.

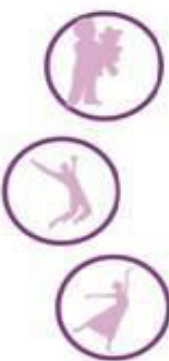
Foi o conjunto de ações que acabou contribuindo para que os meninos se redimissem de uma tarde de afrontas, desrespeitos e inviabilizações dos trabalhos propostos pela professora. Eles conseguiram acalmar a professora. Esse foi o primeiro benefício que os meninos aquinhoaram. O outro trunfo foi que conseguiram colocar as meninas em uma condição de inferioridade, alardeando que quem havia vencido a competição tinha sido os ‘pequenos homens’. É fundamental também que se diga que as meninas também se valem desse recurso solidário, também elas se solidarizam para conseguirem coisas que a elas sejam caras. Entretanto, se pensarmos que esse exemplo produz uma dicotomia onde meninos estão em um pólo e meninas em outro estaremos equivocados, pois nas diversas situações vividas na escola essas associações se faziam de maneira muito veloz, onde meninos e meninas se articulavam e operavam em conjunto. Dentro das minhas possibilidades de olhar, percebia que o grupo fazia arranjos para dar conta de criar situações que os beneficiassem. Outro ponto importante de destacar é que os grupos nem sempre eram divididos por gênero, várias outras coisas motivavam os agrupamentos: interesses em comum, time de futebol para quem torciam, cor da roupa que estavam no dia, desejo de combater outro grupo, entre outros.

Inconclusões para concluir: ensaiando possibilidades

Todos esses movimentos me fazem pensar que a disputa por posições de poder entre as crianças é bastante intensa, perpassa todas as relações entre elas, criam-se relações que parecem sólidas, mas que se liquefazem tão logo se estabeleçam novas. É essa uma maneira interessante de pensar o que é poder, não se trata de uma coisa que se possa tomar para si, ao menos não nos contextos observados, é necessário que o poder seja negociado, seja articulado, que se assuma determinadas posições que fazem com que o poder funcione. No exemplo citado, os meninos tomaram a posição das meninas para gerar uma situação onde poderiam se empoderar, seriam capazes de administrar momentaneamente a situação favorável.

O poder não está em alguém ou alguma coisa, não pertence a determinados sujeitos, ele flui, desliza, atravessa as pessoas/crianças. É como uma pedra lançada no centro de um lago, a água permanece no mesmo lugar, o que se movimenta é a energia que foi gerada pelo impacto da pedra com a sua superfície, o movimento da onda que se forma é justamente a transmissão da energia de moléculas para molécula do líquido. Parece-me correto pensar que com o poder se dá algo semelhante, ele se propaga em ondas, atravessando todos que estão ao





seu alcance. E é justamente nesse movimento de poder que as relações solidárias entre as crianças vão se formando e se tornando visíveis. É possível, como acontece com todo o processo de observação que existam diferentes maneiras de interpretar os mesmos fatos. Aqui me pareceu que essas relações entre as crianças não acontecem por conta das suas ‘naturezas’ infantis, mas sim porque elas já estão desde muito cedo negociando poderes, tentando posicionarem-se no grupo, sempre em busca de algo que acreditam que será confortável para as suas vidas.

Antes de encerrar quero referir que toda a analogia é imperfeita e pode apresentar distorções em relação ao modelo original. Porém, a utilização desse recurso faz com que os textos fiquem mais fluidos, de mais fácil compreensão. Espero que os comentários que fiz a respeito dessas solidariedades tenham sido produtivos e sirvam para desnaturalizar a infância inocente, longe de conflitos e de busca de poder.

Referências

BELLO, Alexandre Toaldo. **Pecuáriado amor**: relações afetivo-sexuais das jovens em uma escola da periferia de Porto Alegre. 2014.

BELLO, Alexandre Toaldo. **Sujeitos infantis masculinos** homens por vir? 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira

Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

